

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

THALITA OLIVEIRA MAGNO NEVES



**UnB**

**ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010:  
ESCOLARIDADE/RENDA E RELIGIÃO NOS ELEITORES DE MARINA SILVA E  
A MIGRAÇÃO DE VOTO NO SEGUNDO TURNO PRESIDENCIAL**

Brasília

**2014**

Thalita Oliveira Magno Neves

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010: OS ELEITORES DE MARINA SILVA NO  
SEGUNDO TURNO PRESIDENCIAL: ESCOLARIDADE E RELIGIÃO

Monografia apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciência Política pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Mathieu Turgeou

Brasília

**2014**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu pai, Marco Neves, responsável por me manter firme quando a motivação faltava. Pelo amor prático que me incentivou a ser melhor todos os dias da minha vida e a enxergar esperança nos cantos escuros da sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sobremaneira ao maior de todos os mestres, Autor da motivação, esperança e força que me fizeram chegar até aqui. Agradeço ao meu Deus que em tudo me ensinou, pacientemente, a ser prima em minhas ações e firme em meus posicionamentos, sem perder a humildade do aprendiz, consciente do meu propósito e da viva Esperança na qual estou alicerçada. Se eu, de alguma forma, sonhei em mudar o mundo, foi porque Você primeiro mudou o meu.

Agradeço aos meus pais, Andrea e Marco, pelo amor e sábios conselhos. Subir os degraus com vocês ao lado é imensamente mais gratificante. Vocês foram parte estrutural da minha formação, não apenas pelo investimento, mas pelo seu caráter irrepreensível que me tornou melhor filha, cidadã, cristã e profissional. Sou imensamente grata aos meus irmãos, Priscila, Felipe e Guilherme, vocês foram alívios e alegria sempre constantes. Agradeço aos meus avós, José Neves, Walkiria, Wildjan Magno e Maria Lúcia, em tudo vocês apostaram na minha vida, investindo, desde a infância, de todas as formas possíveis. A vida de vocês me inspira em cada fôlego.

Agradeço aos meus amigos mais chegados do que irmãos, Priscila Cabral, Gabriela Santos, Camila Alves e Donaldo Souza, além de todos meus amigos queridos da Igreja Presbiteriana do Lago Sul, Maranata, Nova Aliança e Mocidade Para Cristo. Vocês foram oásis em minha vida nas coisas simples, ensinando-me a ser perseverante e cumprir a tarefa que me foi dada por Cristo. Priscila, sua bondade poderia mudar o mundo. Gabriela, sua alegria é capaz de transformar os ambientes mais intransformáveis. Camila, você foi minha força nestes quatro anos de caminhada. Donaldo, sua ousadia e garra me desafiam todos os dias.

Agradeço aos meus colegas de curso, em especial a querida Tayrine dos Santos, por me ajudar a compreender melhor a política e seus desafios, mesmo se estes estejam nos insolúveis gráficos e codificações. Sou grata ao meu orientador, professor Mathieu Turgeou, o qual admiro profundamente em seus trabalhos e paixão pela profissão.

Finalmente, agradeço aos meus queridos líderes, irmãos e inspirações de vida Marcelo Gualberto, Ricardo Costa, Eliane Werner e Ariovaldo Ramos. Se existem verdadeiros discípulos de Cristo no mundo são vocês. Quero imitá-los todos os dias da minha vida.

*Cristo não tem outro corpo na terra a não ser o seu, não tem mãos a não ser as suas, não tem pés a não ser os seus. É por meio de seus olhos que a compaixão de Cristo pelo mundo será estendida; É por meio de seus pés que ele há de percorrer os caminhos fazendo o bem; é por meio de suas mãos que ele há de nos abençoar agora.*

TERESA DE ÁVILA

*Saber o que é certo e não fazê-lo é a pior das covardias.*

CONFÚCIO

*Eu creio no cristianismo tanto quanto creio que o sol nasceu: não somente porque o enxergue, mas porque por ele eu enxergo tudo o mais.*

C.S. LEWIS

*Embora o mundo esteja cheio de sofrimento, está também cheio de meios para superá-lo.*

HELEN KELLER

## RESUMO

Esta monografia apresenta pesquisa sobre as eleições presidenciais de 2010 no Brasil, analisando as variáveis *perfil religioso e socioeconômico - escolaridade e renda* - dos votantes nos três principais candidatos, com enfoque na candidata Marina Silva. Verificou-se que os votos em Marina não se configuram como advindos de eleitores evangélicos em sua maioria e, muito menos, preponderantemente, como se esperava tendo como base os votos em Anthony Garotinho nas eleições de 2002. Ainda, esta pesquisa buscou compreender para onde migraram os votos da candidata no segundo turno, encontrando-se uma votação dispersa e com distribuição bastante equilibrada e não canalizada em sua maioria para um dos dois candidatos restantes.

**Palavras-chave:** eleições de 2010, voto evangélico, perfil eleitoral, Marina Silva., ESEB 2010.

## **ABSTRACT**

This monograph presents research on the 2010 presidential election in Brazil, analyzing the religious profile and socioeconomic variables - income and education - of voters in the three leading candidates, focusing on candidate Marina Silva. It was found que the votes in the Marina not depicted coming from evangelical voters and mostly much less, Mainly, as expected based on the votes in Anthony Gartoinho in the 2002 elections. Yet, this study sought to understand where migrated the votes of the candidate in the second round, lying scattered and fairly balanced distribution and not channeled mostly to one of the two remaining candidates vote.

**Key words:** 2010 elections, evangelical vote, electoral profile, Marina Silva, ESEB 2010.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo I: determinantes da decisão do voto: escolaridade/renda, religião e o voto evangélico .....</b>	<b>16</b>
1.1 Escolaridade e Renda .....	17
1.2 Religião e o Voto Evangélico .....	20
<b>Capítulo II: perfil eleitoral por escolaridade/renda e religião em 2010: dados ESEB 2010.....</b>	<b>25</b>
2.1 Os eleitores de Marina, Dilma e Serra no 1º turno presidencial: o fator religioso ..	26
2.2 O perfil eleitoral de Marina Silva: escolaridade e renda familiar .....	29
2.3 O perfil eleitoral de Dilma Rousseff: escolaridade e renda familiar .....	31
2.4 O perfil eleitoral de José Serra: escolaridade e renda familiar .....	35
<b>Capítulo III: os votos de Marina Silva no segundo turno presidencial 2010: a migração dos votos e sua convergência .....</b>	<b>36</b>
3.1 Migração geral dos votos: para onde foram os votos de Marina .....	37
3.2 Migração do voto evangélico .....	38
3.3 Migração dos eleitores por escolaridade/renda familiar .....	39
<b>Conclusão .....</b>	<b>40</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>42</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>43</b>



## INDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Distribuição simplificada religião/candidato – 1º turno .....	27
<b>Tabela 2:</b> Distribuição simplificada religião/candidato – 2º turno .....	28
<b>Tabela 3:</b> Distribuição Simplificada por Escolaridade/Marina Silva, por categorias de escolaridade .....	30
<b>Tabela 4:</b> : Distribuição Simplificada por Renda Familiar/Marina Silva, por categorias de renda familiar .....	30
<b>Tabela 5:</b> Distribuição Simplificada por Escolaridade/Dilma , 1º turno, por categorias de escolaridade .....	31
<b>Tabela 6:</b> Distribuição Simplificada por Escolaridade /Dilma , 2º turno, por categorias .....	32
<b>Tabela 7:</b> Distribuição Simplificada por Renda familiar/Dilma , 1º turno, por categorias .....	33
<b>Tabela 8:</b> Distribuição Simplificada por Renda familiar/Dilma , 2º turno, por categorias .....	33
<b>Tabela 9:</b> Distribuição Simplificada por Escolaridade/José Serra , 1º turno, por categorias .....	34
<b>Tabela 10:</b> Distribuição Simplificada por Escolaridade/José Serra , 2º turno, por categorias .....	34
<b>Tabela 11:</b> Distribuição Simplificada por Renda Familiar/José Serra , 1º turno, por categorias .....	35
<b>Tabela 12:</b> Distribuição Simplificada por Renda Familiar/José Serra , 2º turno, por categorias .....	35
<b>Tabela 13:</b> Migração dos votos entre os turnos por candidatos .....	37

## APÊNDICES

<b>Apêndice A:</b> Tabelas referentes a distribuição de votos .....	<b>43</b>
<b>Tabela A1:</b> Distribuição de votos 1º turno .....	<b>43</b>
<b>Tabela A2:</b> Distribuição de votos 2º turno .....	<b>43</b>
<b>Apêndice B:</b> Tabelas referentes a religião, renda e escolaridade .....	<b>44</b>
<b>Tabela B1:</b> Distribuição por religião .....	<b>44</b>
<b>Tabela B2:</b> Distribuição de votos por categorias de escolaridade no 1º turno .....	<b>44</b>
<b>Tabela B3:</b> Distribuição de votos por escolaridade no 2º turno de 2010, n=2000 .....	<b>46</b>
<b>Tabela B4:</b> Distribuição de votos/renda familiar 1º turno .....	<b>47</b>
<b>Tabela B5:</b> Distribuição de votos/renda familiar 2º turno .....	<b>49</b>
<b>Tabela B6:</b> Distribuição de votos/religião 1º turno .....	<b>50</b>
<b>Tabela B7:</b> Distribuição de votos/religião 2º turno .....	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais de 2010 no Brasil despertam interesse quanto ao modo como o eleitor vota. Percebendo-se a expressividade da terceira candidata, Marina Silva, surge como ponto de pesquisa a questão: para onde foram seus eleitores no segundo turno, sendo que a presidenciável não revelou apoio explícito a nenhum dos primeiros lugares? E, como sustento dessa questão, qual é o perfil dos seus eleitores, em contraste com o perfil dos eleitores de Dilma Rousseff e José Serra? Poderiam características como escolaridade/renda e religião serem significativas para compreender a migração dos votos?

Marina Silva alcançou uma votação expressiva de quase 20% dos votos no primeiro turno e, na capital do país, obteve a maior votação entre os três candidatos. Por consecutivos pleitos presidenciais um terceiro lugar não conquistou uma posição tão expressiva. Olhando-se para as eleições anteriores, outro candidato em posição terceirista no ranking apresentou números próximos aos de Marina. Anthony Garotinho, em 2002, obteve quase 18% dos votos. É de interesse desta pesquisa o conhecimento de que Marina e Garotinho se declaravam pertencentes a religião evangélica e que seus votos se aproximaram proporcionalmente da porcentagem representativa do público evangélico no Brasil, corresponde a 22,2% da população (senso IBGE, 2010). Esta realidade sugere o pensamento, já extensamente explorado na literatura, de que a variável “religião” poderia ser relevante na escolha do voto.

A literatura recente sobre o eleitorado evangélico no Brasil é por diversas vezes atrelado a outras variáveis, entre elas, e mais relevante para este trabalho, o perfil de escolaridade e renda e as relações destas com a escolha religiosa do eleitor. A literatura parece caminhar para a compreensão de que o público evangélico não pertence homogeneamente a uma posição consolidada no espectro político-ideológico mas, por tomadas de decisões mais conservadoras, voltadas para a proteção de certos valores tradicionais e da moralidade, seriam parte da base social de uma “nova direita” (Pierucci, 1989; Pierucci e Mariano, 1992). Esta nova percepção compreende o eleitor evangélico contrário, inclusive, a certas bandeiras esquerdistas, rejeitando candidaturas ligadas a elas, como bem observou Pierucci e Prandi (1995) sobre as eleições de 1994 e a figura de Lula nesta.

Por outro lado, o mapeamento do perfil socioeconômico deste grupo pela literatura corrente mostra uma concentração deste público em níveis educacionais baixos, assim como de renda. Entretanto, esta não é uma singularidade restrita aos evangélicos, sendo que os fiéis católicos e de religiões afrodescendentes apresentam perfis bem semelhantes (BOHN, 2004).

Compreende-se aqui que estudos sobre as motivações das decisões do voto são recentes, acompanhando o desenvolvimento das pesquisas de opinião, e cada vez menos centrados numa abordagem socioeconômica puramente. Por esta gradual mudança de abordagem, a qual incorpora estudos sobre comportamento e psicologia eleitoral, escolheu-se investigar uma literatura mais recente, que não ignore outros fatores para além dos traços sociais e econômicos dos eleitores. Singer (2000) e Carreirão (2002) são pioneiros nesta nova forma de olhar, mas sem deixar de lado características pré cognitivas. Apesar da escolha de literatura, o presente estudo foca primordialmente na compreensão de que as clivagens sociais possuem impacto sobre as decisões políticas, sem pretender, no entanto, ser reducionista.

Propondo-se ao mapeamento do perfil do eleitorado de Marina Silva nas eleições presidenciais de 2010, busca-se compreender se é coerente a intuição corrente de que parte considerável dos seus votantes, comparativamente ao percentual dos outros dois primeiros candidatos, se encontram nos, aproximadamente, 20% de evangélicos do país. Além disso, através da pesquisa pós eleitoral ESEB 2010, busca-se compreender para onde migraram os votos de Marina no segundo turno e se o perfil dos eleitores (religião e escolaridade/renda) do candidato-destino – Dilma ou José Serra - é coerente com o perfil inicial dos eleitores de Marina. É possível dizer que o candidato em quem votaram, em segundo turno, a maior parte dos votantes da ex-senadora ambientalista possui perfil eleitoral semelhante ao dela? Ou, opostamente, escolaridade/renda e religião não se configuram como fatores de convergência entre os perfis eleitorais? Afinal, qual é o perfil eleitoral de Marina? Este perfil é semelhante ou ao de Dilma ou ao de Serra, ou ambos? Os perfis eleitorais de Dilma e Serra mantiveram-se os mesmos no segundo turno de 2010?

Pode-se pensar em quatro possíveis respostas para o destino dos votos de Marina Silva. A primeira, e menos provável, é que os eleitores da candidata verde tenham dado peso a um suposto aumento no número de votos em branco e nulos no segundo turno.

Era possível pensar nesta possibilidade devido ao aumento da insatisfação política e do descrédito nas instituições públicas (MOISÉS, 2005; MOISÉS e CARNEIRO, 2008). Entretanto, como também é possível verificar, ainda há esperança na figura presidencial, acima dos partidos políticos e Congresso Nacional. As segunda e terceira possibilidades de destino dos votos são, respectivamente, uma migração predominante para o candidato José Serra, segundo colocado nestas eleições, e, ainda mais provável e hipótese inicial desta pesquisa, a migração dos votos, em sua maioria, para a candidata vencedora Dilma Rousseff.

Adianta-se que, diferentemente do que se imaginava, a principal hipótese acima mencionada – migração para Dilma – não se confirmou, o que configura uma quarta possibilidade de migração dos votos da Marina no segundo turno: um destino altamente heterogêneo e pouca concentração dos votos em um candidato específico. Neste caso, os eleitores de Marina, em sua maioria, não votariam de forma semelhante em segundo turno, camuflando-se entre os votos de Dilma, Serra, ou ainda tomando a escolha de votar em branco, nulo ou não comparecer.

Para além da migração dos votos, pensando-se nos perfis eleitorais, algumas hipóteses de base bibliográfica se firmaram e são questionadas neste trabalho, a serem apresentadas após a revisão prevista no primeiro capítulo

Este trabalho está estruturado de forma a apresentar os dados da pesquisa ESEB 2010 e verificar as hipóteses acima tendo como uma das etapas a revisão bibliográfica como subsídio à análise dos dados.

O primeiro capítulo desta monografia apresenta revisão das principais pesquisas recentes que mostram a importância das variáveis escolaridade e renda – tendo como principal expoente os trabalhos de Carreirão (2001, 2002, 2004, 2008) - e religião como importantes na decisão do voto. É importante ressaltar que, durante a revisão bibliográfica, ficou claro não ser conveniente analisar a variável escolaridade de forma isolada mas, sim, seu grau de interferência quando se analisa outros aspectos como, por exemplo, a capacidade cognitiva de auto posicionamento do espectro direita-esquerda, como bem observa Carreirão (Carreirão, p.42, 2001). Compreender essa potencialidade do nível de escolaridade é para esta pesquisa muito mais proveitoso do que observá-la isoladamente, na medida em que, como será mais detalhadamente desenvolvido no

capítulo I, a literatura caminha para explicar os fenômenos pela conexão entre variáveis socioeconômicas e aspectos mais cognitivos e psicológicos. Ainda neste capítulo, em sua parte final, é tratado especificamente do perfil de votação do público evangélico no Brasil, partindo da hipótese de que uma parte considerável dos eleitores de Marina pertenciam a esta religião. Adianta-se que características específicas deste público poderiam explicar, ao menos em parte, suas escolhas eleitorais em segundo turno (RODRIGUES, 2009; BOHN, 2004, 2007), como será abordado em capítulos posteriores. Entre estas características encontram-se fatores de escolaridade e renda, mas também seu forte posicionamento conservador e tradicional. Pode-se deduzir que a concentração de evangélicos em situação de baixa renda e escolaridade poderia levar a maior parte deste público a votar em um candidato mais preocupado com questões sociais e de perfil assistencialista, o que se enquadra mais possivelmente a “herdeira” do governo Lula, Dilma Rousseff. Por outro lado, o conservadorismo e tradicionalismo evangélico afastariam seus fiéis de certas propostas mais ligadas à esquerda, buscando um candidato mais conservador e ligado à direita no espectro político ideológico, no caso, José Serra. Como é desenvolvido ao longo deste capítulo, entretanto, a revisão bibliográfica ajuda a perceber que o eleitor normalmente não sabe posicionar corretamente os candidatos no espectro direita-esquerda, convergindo para a visão da maioria dos cientistas políticos. A maioria dos eleitores também têm dificuldade de se auto-posicionar neste mesmo espectro, gerando incongruências entre o que dizem ser e uma escolha eleitoral coerente a isto.

O segundo capítulo se concentra na exposição e agrupamento dos dados da pesquisa pós eleitoral ESEB (2010) de forma a esclarecer qual é o perfil – dentro das variáveis já mencionadas – do eleitor de Marina Silva. Além disso, em duas outras seções, busca-se mapear também qual era esse mesmo perfil para os eleitores de Dilma e Serra no primeiro e segundo turno, contrastando-se estes a fim de perceber se houveram mudanças de perfil entre os turnos. A ideia deste capítulo é apresentar, lado a lado, as características dos eleitores de Marina em contraste com as dos dois primeiros lugares.

O terceiro capítulo desta monografia desenvolve a resposta à pergunta base proposta: “para onde foram os votos de Marina no segundo turno presidencial”. Através do mapeamento de amostra representativa de seus eleitores, mediante a pesquisa pós eleitoral já mencionada, pode-se ter clareza sobre o direcionamento dos votos, bem

como de sua convergência ou divergência entre as possibilidades de escolha (não votar, votar em branco, votar nulo, votar em Dilma, votar em Serra).

Esta pesquisa não tem a finalidade de ser conclusiva, mas sim de apresentar dados que possam servir como base para seu futuro aprofundamento. Também não se busca tratar de outras questões relevantes para a compreensão da escolha do voto, sejam psicológicas e cognitivas, sejam outras de caráter socioeconômico. Questões mais aprofundadas sobre ideologia, preferência partidária e nova classe média são deixadas de lado, não pela falta de importância, mas por uma questão de limitação metodológica e de tempo hábil.

## **CAPÍTULO 1: DETERMINANTES SOCIO-ECONÔMICOS DA DECISÃO DO VOTO: ESCOLARIDADE/RENDA, RELIGIÃO E O VOTO EVANGÉLICO.**

A importância das eleições para a vida democrática e sua centralidade para compreender, pelo menos em parte, a participação política do cidadão é central. Diversos estudos analisam o comportamento eleitoral entendendo a importância das variáveis socioeconômicas, mas incorporando novas abordagens que se preocupam com aspectos mais cognitivos e psicológicos<sup>1</sup>. Mesmo com as mudanças de perspectiva dos estudos, principalmente a partir dos anos 1990, diferenças estruturais como escolaridade, renda e escolha religiosa continuam sendo fonte de pesquisas por analistas.

A abordagem sociológica, como sintetiza Martins Junior (2009), é altamente ligada ao desenvolvimento das pesquisas de opinião, começando sua expressividade através dos estudos de pesquisadores da Universidade de Colúmbia como Lazarsfeld, Berelson e Mcphee (*People's Choice*, 1948; *Voting*, 1954). Essa perspectiva aponta que as diferenças sociais claramente importam, sendo a votação “essencialmente uma experiência de grupo”, levando, pelas experiências, à predisposição política que uniformizaria posicionamentos políticos (MARTINS JÚNIOR, p.71, 2009). Com a publicação de *The American Voter* (CAMPBELL et al., 1960), o impacto das classes sociais ficou evidente, e outros estudos mais recentes vieram para sinalizar o mesmo fato, além de incorporar outras variáveis, tais como religião e escolaridade (Knutsen, 2006; ALMEIDA *et al.*, 2002; ROSE e URWIN, 1969). Não se tem dúvidas sobre a complexidade das sociedades contemporâneas e compreende-se que variáveis sociológicas explicam em parte os cenários atuais e decisões de voto, mas não isoladamente.

De qualquer forma, a realidade brasileira de alta diversidade socioeconômica, suas disparidades e clivagens não podem deixar de ser observadas. Em um cenário onde níveis de escolaridade e renda influenciam pré-disposições ao voto, estas variáveis importam, tanto quanto escolhas ao nível individual, como a religiosa, gerando preferências eleitorais.

---

<sup>1</sup> CAMPBELL et al., 1960; BUTLER e STOKES, 1969, 2002; SINGER, 2000; CARREIRÃO, 2002.



## 1.1. – ESCOLARIDADE E RENDA

O conceito de sofisticação política é comumente utilizado na busca pela compreensão do comportamento eleitoral. Castro (1994) utiliza a definição de Neuman (1986) ao avaliar que diferentes níveis de sofisticação política levariam a diferentes percepções sobre a política e seus atores. Carreirão (2001) inova ao se apropriar do conceito e transmutá-lo para níveis de escolaridade. Sofisticação política é conjunção de três variáveis, sendo elas *saliência* – interesse político e exposição aos meios de comunicação -, *conhecimento da política* – medido a partir de *surveys* sobre personalidades políticas, governo e temáticas políticas – e *capacidade de conceituação política* – basicamente a capacidade de conceituar, organizar e diferenciar atores e ideias políticas (Carreirão, 2001, p.7). A inovação veio pela aproximação da ‘sofisticação política’ como ‘nível de escolaridade’ dos eleitores, não utilizando o primeiro conceito como intercambiável à escolaridade – pois não o é -, mas percebendo que esta segunda em diversos aspectos poderia servir para explicar sofisticação política.

Vários estudos já explicitaram como as políticas que lidam diretamente com questões como renda e escolaridade são capazes de influenciar a tomada de decisão eleitoral gerando preferências muito ligadas à continuidade de políticas sociais, principalmente entre os eleitores mais pobres, como é o caso, por exemplo, do Programa Bolsa Família e sua força na reeleição do ex-Presidente Lula da Silva (POWER E HUNTER, 2007; BAQUERO, 2007; SOARES E TERRON, 2008; LICIO ET AL, 2009; BOHN, 2011). Focando-se brevemente no Bolsa Família, Rennó *et al*, por meio de um modelo estatístico multivariado em uma amostra probabilística nacional, utilizaram o Barômetro das Américas de 2008 e perceberam uma forte relação entre os beneficiários do programa e uma avaliação positiva do governo Lula. O sucesso do Programa Bolsa Família se deve principalmente ao seu combate à pobreza e desigualdade, diminuindo em seus três primeiros anos, de 28% para 23% a taxa de pobreza absoluta. Além disso, nas eleições presidenciais de 2006, quanto mais pobre a situação social do município, maior a tendência em votar em Lula (Licio *et al*, p.35, 2009). Ainda, Hunter e Power (2007) percebem que quanto menor a renda (até dois salários mínimos), melhor o desempenho do ex-Presidente (Hunter e Power *apud* Licio, 2009, p.36). Resumidamente, Licio *et al*. concluem que, em estudos em que a unidade de análise são os estados e municípios, “em maior ou menor medida (...) indicam que o

Presidente ganhou as eleições nos lugares com maior número de pobres e piores indicadores sociais, onde há proporcionalmente maior número de beneficiários do Programa Bolsa Família”, enquanto que, à nível individual de análise, esta mesma correlação permanece, observando-se uma clara diferença entre usuários *versus* não usuários do programa e a avaliação do ex-Presidente Lula.

Os estudos citados acima concentram esforços prioritariamente na variável renda, buscando compreender suas correlações com a decisão do voto. A partir de uma abordagem que centra análise na importância da escolaridade, a revisão bibliográfica ajuda a perceber as fortes relações entre os níveis desta, os eleitores, suas preferências e, finalmente, o voto. Investigando as correlações possíveis existentes entre a escolaridade do eleitor e suas percepções da vida política, assim como seu auto posicionamento ideológico, Carreirão (2001) observa correlações substanciais no que tange à variável. De diferentes formas parece certa a influência da escolaridade principalmente na capacidade cognitiva do eleitor.

Primeiramente, entre as correlações pesquisadas, percebeu-se que entre os níveis de escolaridade mais baixos, é maior a proporção de indecisos quanto ao voto (Carreirão, p.54, 2001). Interagindo com o “posicionamento ideológico” e comportamento eleitoral, Carreirão percebe que quanto menor o nível de escolaridade, maior a dificuldade em se auto-posicionar numa escala esquerda-direita. O autor demonstra que no conjunto dos eleitores da amostra investigada, cerca de 46% não soube responder basicamente – próximo ao “uso comum das expressões” normalmente utilizadas na Ciência Política - o que era “esquerda” e “direita” ou o que significava ser de “esquerda” ou “direita”. No conjunto total, apenas 30% dos eleitores souberam responder corretamente – sem fazer grandes exigências em relação aos critérios. Quando a mesma pergunta é realizada considerando a variável escolaridade os resultados importam ainda mais. Entre os eleitores de menor escolaridade (56%) a proporção dos que não sabiam responder era maior do que entre os de escolaridade mais elevada (12%). Sendo mais incisivo, “a proporção de respostas consideradas (...) aceitáveis, cresce também substancialmente com a escolaridade: de 19% entre os eleitores com até 1º Grau completo, a 74%, entre os eleitores com nível superior” (Carreirão, p.70, 2001). É interessante notar que o mesmo padrão se repete quando a pergunta gira em torno do auto posicionamento direita-esquerda, ou seja, entre os menores níveis de escolaridade menos eleitores conseguem se auto-posicionar, partindo de 44% entre os eleitores sem escolaridade – ou

seja, que não frequentaram a escola - para o reduzido número de 7% entre os com nível superior de escolaridade (*idem*, p.72). Em obra posterior - *Identificação Ideológica e Voto para Presidente, 2002* -, Carreirão sintetiza que o posicionamento do eleitor também varia com a escolaridade: à medida que a escolaridade cresce há maior tendência em se situar mais ao centro. Entre o eleitorado com nível superior, 55% a 60% são “centristas” ou, mais reduzidamente, à esquerda (19% a 24% conforme o *survey*). Já entre o eleitorado de baixa escolaridade, surpreendentemente a maior parte do eleitorado aparece à “direita” ou “centrista”, raramente à “esquerda” (11% a 12%). Esta tendência manteve-se quando verificada em 2006 pelo mesmo autor (Carreirão, 2002:60 e 2007:314).

É importante notar que a pesquisa apresentada acima e o *survey* em que ela se baseia foram realizados no final dos anos 1990, início dos anos 2000, anterior a ascensão de um governo tradicionalmente esquerdista como o PT. A literatura recente, mencionada no início desta seção, apresenta que o personagem de Lula da Silva, à esquerda ideológica, parece ter modificado tendências, sendo que grande parte dos seus eleitores, especificamente em 2006, pertenciam a níveis de renda e escolaridade mais baixos, dando ao então Presidente a característica de “Pai dos pobres”. Entretanto, como demonstrado por Carreirão, entre tais níveis de escolaridade, onde provavelmente a renda também é reduzida, há maiores dificuldades de organizar e posicionar corretamente os atores políticos no espectro direita-esquerda. Provavelmente, este público toma decisões eleitorais mais baseadas em fatores emocionais, ligadas à imagem dos candidatos, especialmente ligados a “aspectos valorativos e simbólicos de caráter moral”, como sugere Silveira ao definir o “novo eleitor não-racional” (Silveira, p.4, 1996).

Entretanto, não se pode ser reducionista ou simplista ao olhar este cenário. Com a saída de Lula e a emergência de Dilma algumas certezas parecem ficar mais nebulosas. Em 2010 parecia correto supor que o eleitorado com menor renda e escolaridade, anteriormente ligado à Lula, pretendiam depositar seu voto na candidata petista. Surpreendentemente, ao investigar as eleições presidenciais de 2010 com base da pesquisa pós eleitoral ESEB realizada no mesmo ano, Peixoto e Rennó (2011) observaram que, mesmo que a probabilidade de votar em Dilma aumente quando o eleitor avalia positivamente o governo Lula e percebe ter tido mobilidade ascendente,

por outro lado, tal probabilidade diminui ao ter baixa escolaridade e renda, o que destaca a “ausência de ser beneficiário do Bolsa Família” (Peixoto e Rennó, 2011:315).

Apesar das variações, a literatura recente parece convergir para a compreensão de que no contexto brasileiro características socioeconômicas como escolaridade e renda, quando associadas correlativamente a outras categorias, normalmente mais cognitivas e psicológicas, impactam fortemente o comportamento eleitoral e, conseqüentemente, a tomada de decisão no voto.

## **1.2. - RELIGIÃO E O VOTO EVANGÉLICO**

Diversos estudos apontam para a relevância do fator religioso no comportamento político, tanto no padrão de votação dos legisladores de uma determinada religião quanto na forma como o eleitor decide. Bohn (2004, 2007), Pierucci & Mariano (1992), Pierucci & Prandi (1995), e outros, perceberam homogeneidade na votação dos eleitores evangélicos, especificamente, mais relevantes para este estudo. O crescimento do público evangélico, de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010 (censo IBGE 2010), tornou este um perfil de interesse nas ciências sociais. O contínuo e rápido crescimento dos evangélicos, paralelamente ao decréscimo dos que se dizem católicos, foi vastamente analisado na literatura, tendo como principais motivos listados a associação entre o declínio da Igreja Católica, principalmente durante o regime militar no Brasil, e o retorno ao “sagrado” na vida pública como fenômeno amplo, juntamente com o aumento também do público não-religioso (Montero & Almeida, 2000; Bohn, 2004). Dentre os evangélicos, o grupo mais relevante estatisticamente são os pertencentes à igrejas pentecostais, e não históricas ou de missões, correspondendo a 60% do total. Importante aqui é compreender como a religião, especificamente a evangélica, vem impactando as decisões políticas do eleitor, não se buscando compreender neste trabalho esta variável no comportamento parlamentar.

Diferentemente do que se imaginava, Bohn (2007) consegue perceber os eleitores evangélicos não como um grupo com interesses bem definidos, mas caracterizado por uma identidade, a qual não necessariamente mobilizaria evangélicos para plataformas comuns. O que, de fato, uniria o voto evangélico seria, na verdade, a presença ou não de um candidato que se auto posicionasse como pertencente a esta religião. Analisando comparativamente as eleições presidenciais de 2002 e 2006, a autora observa que a

figura de Anthony Garotinho em 2002 mobilizou o eleitorado evangélico ao seu redor, enquanto em 2006 “simplesmente inexistiam candidatos porta-vozes de minorias religiosas ou claramente identificados com elas” (BOHN, pp.367-368, 2007). Outro fator foi a migração dos votos evangélicos, no segundo turno de 2002, para o candidato petista Luiz Inácio Lula da Silva, eleito presidente naquela eleição (BOHN, 2004). A fim de analisar o cenário em 2002, comparando-o com 2006, a autora define dois conceitos, sendo eles “concentração” e “dispersão” de votos. Bohn define “concentração de votos” como a maior probabilidade dos eleitores votarem em um candidato, partido político ou plataforma em detrimento de outros e, ao contrário, “dispersão do voto” quando há a mesma ou menor probabilidade de, neste caso, evangélicos votarem em um determinado candidato e em qualquer outro. A concentração indicaria que os eleitores evangélicos formariam um grupo de interesse, enquanto a dispersão os relevaria como apenas um grupo de identidade (BOHN, p.368, 2007). Pela migração de votos evangélicos para Lula no segundo turno de 2002, a autora questiona a colocação deste eleitorado como grupo de interesse, e não apenas uma identidade religiosa. As eleições de 2006, no entanto, não confirmam essa hipótese, havendo dispersão dos votos entre os candidatos, e não uma concentração na figura de Lula.

A inserção do debate religioso na Ciência Política, como retratado acima, é proveniente do que a literatura corrente frequentemente menciona como a volta da religião à política. Ortiz (1997) caracterizou este fenômeno de “retorno do sagrado”, via contrária ao processo de secularização que separou Igreja e Estado na formação dos estados-nação modernos (HELLER, 1978 *apud* BOHN, 2007:369). No Brasil, assim como na América-Latina, espera-se o crescimento cada vez maior das religiões evangélicas (Berryman, 1999) e, além disso, verifica-se a premiação de candidatos “irmãos na fé” pelos eleitores evangélicos, o que promove a importância política do fenômeno. Entretanto, diferentemente da realidade norte-americana, os evangélicos não formam um grupo de interesse que se mobilize ao redor de plataformas de ação, utilizando os conceitos de Bohn. Com o forte bipartidarismo estadunidense, “independentemente do nível socioeconômico, os católicos são, em escala majoritária, democratas”, o que confirma a relevância da variável religião neste contexto e a presença de grupos religiosos como grupos de interesse, e não apenas de identidade (MARTINS JÚNIOR, 2009:71).

No Brasil, a força dessa variável se verifica, de outra maneira, na medida em que a candidatura de Anthony Garotinho polarizou evangélicos e católicos em 2002 (ALMEIDA *et al*, 2002), mas, novamente, apenas porque havia a presença de um candidato publicamente evangélico. Carreirão (2002) observa que a figura de Garotinho trouxe um peso importante naquela eleição, na medida em que nas eleições presidenciais anteriores a religião não tivera relevância considerável.

Mas, afinal, além de se unirem, como analisado acima, ao redor de candidatos pertencentes a mesma religião, formando uma “concentração” por identidade, o que os eleitores evangélicos teriam em comum, tanto em seu comportamento eleitoral quanto em seu perfil socioeconômico? Esta questão foi respondida por Bohn (2004), quando mapeou o público evangélico por sua sofisticação política, preferência partidária e por outros principais determinantes de seu comportamento eleitoral.

Mesmo com os diferentes motivos do crescimento, Bohn menciona que o fato mais relevante é a não homogeneidade evangélica, tanto quando consideramos a distribuição por regiões, sendo que o aumento proporcional mais elevado é no nordeste brasileiro, quanto ao analisarmos as diferenças inter-denominacionais, percebendo-se a expansão muito mais acentuada das igrejas pentecostais em detrimento das históricas<sup>2</sup>, mesmo havendo em ambas crescimento constante (Bohn, 2004:291). Diversos autores associam o pertencimento à religião evangélica, sobretudo entre denominações pentecostais, à situações de pobreza (Pierucci & Prandi, 1995; Montero & Almeida, 2000; Novaes, 2001). Em 2004, Bohn encontrou dados que comprovam baixa renda e escolaridade entre os fiéis evangélicos, quando 67,7% dos evangélicos teriam renda de até dois salários mínimos por mês, enquanto entre o público de maior renda, apenas 8,9% seriam desta religião. Entretanto, esta caracterização não é exclusiva entre os evangélicos, de modo que católicos e membros de religiões afrodescendentes – candomblé e umbanda - possuem percentuais muito parecido, inclusive maiores (77,3%, afrodescendentes; 71,7%, católicos). Como resume Bohn, “é incorreto, portanto, afirmar categoricamente que a religiosidade, no Brasil, seja um fenômeno próprio aos segmentos menos privilegiados e que os grupos sociais mais abastados sejam maciçamente sem religião”

---

<sup>2</sup> Definição segundo Bohn (2004:291), compreende como evangélicas não-pentecostais ou históricas, no Brasil, as denominações: Batista, Episcopal, Luterana, Metodista e Presbiteriana; e como evangélicas pentecostais, principalmente as igrejas: Assembleia de Deus, O Brasil para Cristo, Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor e Universal do Reino de Deus.

(Bohn, 2004:298). Quando observamos apenas o nível educacional associado ao pertencimento à religião evangélica, configura-se, novamente, a similaridade entre evangélicos e católicos, ou seja, mesmo havendo uma concentração de fiéis entre as pessoas de nível educacional baixo, ser evangélico “não é a última escolha das pessoas com nível superior completo”, semelhantemente aos católicos (Bohn, 2004:300). Resume-se que, apesar de categorias de renda e escolaridade não diferenciarem evangélicos, católicos e membros de religiões afrodescendentes, estas variáveis diferenciam, entre os evangélicos, aqueles que pertencem a denominações pentecostais ou não, sendo que entre as igrejas históricas os níveis de renda e escolaridade são consideravelmente maiores.

Dentro do debate sobre sofisticação política, diferentemente do que foi visto com Carreirão (2001), Bohn não aproxima entre este conceito a escolaridade, trabalhando na dimensão de “exposição aos meios de comunicação de massa”, concluindo que quanto maior esta exposição, maior o conhecimento do indivíduo à diferentes temáticas e à esfera política e, conseqüentemente, maior seu grau de sofisticação política (2004:305). A imprensa teria um papel informativo central ao “abrir os olhos” dos cidadãos pela informação. Novamente o perfil de católicos e evangélicos são praticamente idênticos, possuindo a mesma exposição à imprensa escrita, fortemente fraca, sendo que a maioria dos entrevistados não leem jornal e, por outro ângulo, apenas cerca de 7% o leem todos os dias (alta frequência). Quando questionados sobre o conhecimento partidário, o grau de acerto foi novamente semelhante entre católicos e evangélicos, sendo que estes se diferenciam basicamente na frequência ao culto, sendo que 82,6% dos evangélicos frequentam o culto uma ou mais vezes por semana.

Menos relevante para este estudo, mas igualmente importante para compreender o pensamento religioso na esfera política, independente da escolha religiosa, entre aqueles que pertencem a alguma religião há uma fundamental postura tradicionalista sobre questões como aborto e homossexualismo. Entre os evangélicos, 46,7% são contrários ao aborto em qualquer situação e 84,3% consideram o homossexualismo imoral ou doentio (Bohn, 2004:314).

A revisão bibliográfica realizada mostra que apesar de constatar que certas tendências socioeconômicas e valorativas se confirmam entre os eleitores evangélicos, algumas não são exclusivistas deste público, não servindo para diferenciá-los

completamente das demais religiões. De qualquer forma, a variável religião se faz presente no atual contexto, sendo cada vez mais relevante para compreender o comportamento político, principalmente nas eleições de 2010, a ser melhor analisado nos próximos capítulos. A candidata Marina Silva declarava-se publicamente evangélica, como Anthony Garotinho em 2002, mas possuía outras bandeiras igualmente relevantes, em destaque a ambiental, alcançando valor expressivo para um terceiro lugar, com quase 20% dos votos. No próximo capítulo os perfis eleitorais de cada candidato, em especial o de Marina, são analisados descritivamente. Pretende-se com isso verificar se em 2010, como o pensamento corrente sugere, o público evangélico era preponderantemente ou ao menos maioria dos votantes de Marina no primeiro turno e se a candidata seria, então, marcada por padrões socioeconômicos associado aos eleitores evangélicos, explicitados na revisão bibliográfica. Antecipa-se que o público evangélico que votou em Maria não ultrapassa 35% dos seus eleitores, valor este superior ao valor esperado comparativo aos demais candidatos, mas não tão elevado quando se imaginava como hipótese inicial. De qualquer forma, a pergunta continua: qual é o perfil eleitoral de Marina, Dilma e José Serra no que tange a escolaridade, renda e religião? Há proximidade, nestas variáveis, entre os eleitores dos três principais candidatos, de modo que pudesse sugerir uma migração concentrada de votos no segundo turno? Ou ocorreu uma difusão dos votos, tal como ocorreu sem a presença de um candidato evangélico em 2006? Estas são as questões principais que orientam a descrição e breve análise dos dados no próximo capítulo.

A partir das explicações acima, hipóteses iniciais, apresentadas abaixo, são testadas por meio da análise descritiva dos dados do *survey* ESEB 2010, como seguem:

Hipótese 1: Mais de 50% dos eleitores de Marina Silva são evangélicos, somando-se os de denominações pentecostais e os históricos, não pentecostais.

Hipótese 2: Caso a Hipótese 1 se verifique, espera-se que o perfil eleitoral de Marina seja marcado por eleitores de escolaridade baixa, não possuindo altas porcentagens de escolaridade e renda alta. Esta hipótese concordaria com a bibliografia corrente de que o eleitorado evangélico é marcado por baixa escolaridade e renda.

Hipótese 3: O perfil eleitoral de Dilma é marcado por eleitores de baixas renda e escolaridade.



Hipótese 4: O perfil eleitoral de José Serra é marcado por eleitores de média a alta renda e escolaridade.

Hipótese 5: Os votos de Marina Silva migraram preponderantemente para Dilma Rousseff (2/3 ou mais).

Observou-se, diferentemente da expectativa do pesquisador, que apenas a terceira hipótese se verificou. Todas as demais não podem ser afirmadas apenas com a análise descritiva dos dados e não parecem coerentes entre as porcentagens de comportamento eleitoral do *survey*.

## **CAPÍTULO 2: PERFIL ELEITORAL POR ESCOLARIDADE/RENDA E RELIGIÃO EM 2010: DADOS ESEB 2010**

Com o intuito de analisar o perfil eleitoral dos três principais candidatos à presidência em 2010, verificou-se os dados obtidos do *survey* pós-eleitoral brasileiro (ESEB) daquele mesmo ano e, pela análise, percebeu-se que várias das hipóteses iniciais deste pesquisador não se verificam, ao menos por meio da análise descritiva dos dados. Pela observação de três características - escolaridade, renda familiar e religião -, mapeou-se o perfil dos eleitores de Dilma, José Serra e Marina Silva.

Não se tem dúvidas que outras características são igualmente importantes para a compreensão do voto em 2010, mas preferiu-se utilizar o mencionado recorte e hipóteses que vão ao encontro da literatura, por um lado, e do senso comum, por outro, para compreender se certos posicionamentos religiosos, especialmente o evangélico, além de algumas características socioeconômicas do eleitor, poderiam confirmar as hipóteses ou, como foi o caso neste estudo, não confirmá-las.

Entre os eleitores de Marina Silva, foco da análise, esperava-se encontrar uma parcela, ao menos em sua maioria, evangélica, sejam os fiéis pentecostais ou não, concordando com a bibliografia analisada, a qual menciona o apoio do voto evangélico aos candidatos que publicamente se declaram irmãos na fé, o que ocorreu com Garotinho em 2002. A revisão bibliográfica também ajudou a perceber um perfil de baixa escolaridade e renda associado aos evangélicos, principalmente pertencentes a denominações pentecostais, mas não exclusivo a eles. Esperava-se, portanto, encontrar no perfil eleitoral de Marina Silva mais de 50% de evangélicos nos que nela votaram e,

consequentemente, uma parcela igualmente considerável de eleitores com baixa escolaridade e renda. Para fins de compreensão, simplificação e organização do trabalho, consideram-se quatro categorias de escolaridade e três de renda familiar, sendo elas:

1. Analfabetos/nunca frequentou a escola – 3,6% dos entrevistados.
2. Escolaridade baixa: primário incompleto ou completo (até a 4ª série do ensino fundamental ou menos – 29,3% dos entrevistados.
3. Escolaridade média: ginásio incompleto ou completo e colegial incompleto (7ª série do ensino fundamental até 2º ano do ensino médio) – 30,25% dos entrevistados.
4. Escolaridade alta: ginásio completo ou mais (3º ano do ensino médio completo, ensino universitário, completo ou incompleto, e pós graduação ou mais) – 36,85% dos entrevistados.

E, as categorias por renda familiar<sup>3</sup>

1. Baixa renda familiar: até dois salários mínimos – 43,4% dos entrevistados.
2. Média renda familiar: de dois até dez salários mínimos – 49,65% dos entrevistados.
3. Média-alta renda: de dez até mais de 20 salários mínimo – 4,7% dos entrevistados<sup>4</sup>.

Abaixo são apresentadas tabelas, analisadas posteriormente,as quais detalham informações sobre a distribuição dos votos segundo as variáveis analisadas.

## **2.1. – OS ELEITORES DE MARINA, DILMA E SERRA NO 1º TURNO PRESIDENCIAL**

### **O FATOR RELIGIOSO**

As eleições de 2002 trouxeram a figura de Anthony Garotinho como claro representante do voto evangélico. Como presente na bibliografia, o candidato atraía

---

<sup>3</sup> Categorização baseada da divisão por classes sociais, encontrada em <http://cps.fgv.br/>

<sup>4</sup> 2,25% dos entrevistados, ou seja, 45 pessoas, não responderam a pergunta sobre “Qual é sua renda familiar mensal” (ESEB-2010).

consideravelmente este público que, com sua saída no segundo turno e apoio explícito a outro candidato, destinou seus votos fortemente a Lula. Como parece, o apoio de Garotinho e seu discurso mais marcado pela identidade religiosa foram importantes na escolha do público evangélico e na migração concentrada de votos no segundo turno. Em 2010 o cenário se colocou diferentemente, tanto pelo discurso de Marina Silva, mais focalizado na questão ambiental que religiosa, quanto pelo seu não apoio a nenhum dos candidatos do segundo turno.

Diferentemente do que se esperava, no que tange a escolha religiosa dos eleitores de Marina, não se verificou através do *survey* analisado (ESEB 2010) uma maioria de votos evangélicos - pentecostais ou não - e, muito menos, uma preponderância deles. Como explicitado pelas Tabelas B.1 e B.6 (Apêndice 2), os evangélicos compunham, ao todo, cerca de 21,8% dos votos, dividindo-se em uma maioria pentecostal (15%) e uma minoria não pentecostal (6,9%). Quando se observa a totalidade de membros dessa religião, verifica-se que 26,4% deles optaram por votar em Marina, valor menor do que o encontrado em Dilma, em quem 36% dos evangélicos votaram em primeiro turno, e pouco maior do de Serra, o qual contou com 25,7% dos votos dos fiéis.

As porcentagens acima parecem assumir um equilíbrio entre os candidatos, ainda em primeiro turno. Entretanto, quando se somam à análise outras religiões, observou-se que a eleição de Marina, especificamente, foi marcada por uma maior acentuação de votos evangélicos, além de uma menor expressão de votos católicos, comparativamente aos outros dois principais presidenciáveis, como se observa na Tabela 1.

**Tabela 1: Distribuição religião/candidato – 1º turno**

RELIGIÃO	DISTRIBUIÇÃO RELIGIÃO NO VOTO		
	MARINA SILVA	DILMA ROUSSEFF	JOSÉ SERRA
<b>Evangélicos (pentecostais e não pentecostais)</b>	35%	17,4%	20,9%
<b>Católicos</b>	47,6%	66,8%	65,2%
<b>Sem religião/ateus</b>	10,4%	9,4%	8,4%
<b>Outras</b>	7%	6,3%	5,4%
<b>TOTAL</b>	328	900	535

Percentualmente, a distribuição encontrada em Dilma e Serra são praticamente idênticas, destoando insignificamente. No que tange a eleitores não religiosos, ateus ou pertencentes a outras religiões, que não evangélicos ou católicos, a distribuição de Marina é igualmente próxima aos demais candidatos analisados. O dado mais significativo encontrado se refere aos eleitores evangélicos e católicos da candidata verde. Enquanto a petista e o peessedebista firmam percentuais em cerca de 20% de evangélicos – pouco menos para Dilma – e 65% de católicos, Marina configura votos aproximadamente 15% mais altos no primeiro caso e 18% mais baixos no segundo.

Apesar da similar distribuição dos votos evangélicos entre os candidatos, interna a configuração individual de cada um deles, pode-se notar maior força do voto evangélico em Marina Silva, comparativamente aos demais presidenciáveis, os quais firmaram percentuais próximos aos 20%. No segundo turno se percebe um leve aumento da presença evangélica – maior em Serra - e, ainda menos significativa, diminuição de eleitores católicos em ambos os candidatos, mantendo-se praticamente constante a distribuição, conforme apresentado na Tabela 2.

**Tabela 2: Distribuição religião/candidato – 2º turno**

RELIGIÃO	DILMA ROUSSEFF	JOSÉ SERRA	NA	OUTRAS RESPOSTAS
<b>Evangélicos (pentecostais e não pentecostais)</b>	19,2%	24,4%	25,3%	26,1%
<b>Católicos</b>	47,6%	66,8%	55,3%	48,6%
<b>Sem religião/ateus</b>	10,4%	9,4%	12%	10,8%
<b>Outras</b>	7%	6,3%	7,3%	14,4%
<b>TOTAL</b>	1062	677	150	111

Pelos dados acima, parece coerente não comprovar a hipótese de que a maioria dos votos de Marina Silva foram de evangélicos, mas não se pode negar que sua candidatura atraiu votos evangélicos no primeiro turno presidencial de 2010.

## **2.2. - O PERFIL ELEITORAL DE MARINA SILVA: ESCOLARIDADE E RENDA**

A segunda hipótese sustentada nesta pesquisa se refere ao perfil socioeconômico dos eleitores da candidata ambientalista. A revisão bibliográfica estabeleceu a perspectiva na qual se espera achar em Marina tanto uma forte presença evangélica e, conseqüentemente, eleitores preponderantemente de baixa e, no máximo, média escolaridade. O público evangélico é mercado por fiéis de baixa renda e escolaridade, principalmente entre as denominações pentecostais, associadas a situações sociais e econômicas mais precárias. Pelo *survey* pós eleitoral de 2010, entretanto, não se pode verificar tal configuração atrelada substantivamente à Marina. A candidata, como visto na sessão anterior, não teve presença preponderantemente evangélica nos votos – apesar de, sim, maior, comparativamente aos demais candidatos – e, como exemplificado pelas Tabelas 3 e 4, também não teve a força de sua votação atrelada a eleitores de baixa renda e escolaridade.

Ao contrário do que se esperava, pelas características atreladas do público evangélico na literatura corrente, como o público religioso de Marina foi diverso, a base da candidata, ao que tange variáveis sociais e econômicas, também apresentou diversidade e, mais do que isso, teve expoente presença de eleitores com alta escolaridade e média renda. Comparativamente aos outros dois principais candidatos, como veremos a seguir, a ex-senadora teve maiores doses percentuais entre o público de alta escolaridade (58% de sua votação, contra 30,2% de Dilma e 32,9% de Serra). Também apresentou porcentagens menores entre os eleitores de baixa renda familiar do que Dilma e Serra (29% de sua votação, contra 49,2% e 44,7% destes, respectivamente).

Ou seja, enquanto cerca de metade dos votos de Dilma e José Serra foram provenientes de eleitorado de baixa renda familiar (até 2 salários mínimos ou menos), os votantes de Marina estavam em cerca de 60% entre o público com renda familiar média (2 até 10 salários mínimos), além de mais 8,2% de sua votação proveniente do público de alta renda (mais de 10 salários mínimos). Dilma e Serra mantiveram em menos de 5% seus percentuais de votação no que se refere a presença deste último público mais rico.

**Tabela 3: Distribuição Simplificada por Escolaridade/Marina Silva**

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>MARINA SILVA</b>		<b>1º TURNO</b>	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da escolaridade	% do voto na frequência da escolaridade
<b>Analfabeto/nunca frequentou a escola</b>	1	0,3%	72	<b>1,38%</b>
<b>Baixa</b>	50	15,2%	586	<b>8,5%</b>
<b>Média</b>	86	26,2%	605	<b>14,2%</b>
<b>Alta</b>	191	58,2%	737	<b>25,9%</b>
<b>Total</b>	<b>328</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

Os dados parecem não confirmar, novamente, a hipótese inicial de que o eleitorado de Marina seria marcado por eleitores de baixa renda e escolaridade. Ao contrário, verifica-se a expressão de Marina entre os cidadãos de alta escolaridade e, ao menos, média renda.

**Tabela 4: Distribuição Simplificada por Renda Familiar/Marina Silva**

<b>RENDA FAMILIAR</b>	<b>MARINA SILVA</b>		<b>1º TURNO</b>	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da renda	% do voto na frequência da renda
<b>Baixa renda</b>	95	29%	868	<b>1,4%</b>
<b>Média renda</b>	196	59,8%	993	<b>8,5%</b>
<b>Alta renda</b>	27	8,2%	94	<b>14,2%</b>
<b>NR</b>	10	3%	45	<b>25,9%</b>
<b>Total</b>	<b>328</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

### 2.3. – O PERFIL ELEITORAL DE DILMA ROUSSEFF: ESCOLARIDADE E RENDA FAMILIAR, 1º E 2º TURNOS

Outra hipótese sustentada inicialmente, previa eleitores de baixas renda e escolaridade na base eleitoral da candidata petista. Como herdeira do governo Lula, fortemente marcado em sua reeleição por eleitores com perfil socioeconômico precário, auxiliados pelos programas assistencialistas do governo, esperava-se que fosse de interesse desta base manter no governo alguém que trouxesse consigo esta marca social atrelada aos governos Lula. A Tabela 5 apresenta informação sobre esse quesito, distribuindo a votação de Dilma com base em perfis de escolaridade.

**Tabela 5: Distribuição Simplificada por Escolaridade/Dilma/1º turno**

ESCOLARIDADE	DILMA ROUSSEFF		1º TURNO	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da escolaridade	% do voto na frequência da escolaridade
<b>Analfabeto/nunca frequentou a escola</b>	38	4,2%	72	<b>52,8%</b>
<b>Baixa</b>	321	35,7%	586	<b>54,8%</b>
<b>Média</b>	269	29,9%	605	<b>44,5%</b>
<b>Alta</b>	272	30,2%	737	<b>36,9%</b>
<b>Total</b>	<b>900</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

Comparativamente à Marina, Dilma Rousseff agregou maior percentual de votos entre os eleitores de baixa escolaridade, além de possuir menores percentuais do que a ambientalista de votos de alta escolaridade (ensino médio completo ou mais). Entretanto, a distribuição de Dilma entre as categorias escolares pareceu equilibrada e estreitamente próxima ao perfil de José Serra, como veremos posteriormente. Movendo-se o olhar, outro dado, por outro lado, parece colocar Dilma como favorita entre os eleitores de baixa escolaridade ou menos entre aqueles que nunca frequentaram à escola. Entre aqueles que estudaram até a 4ª série do ensino fundamental ou menos, cerca de 54% optou por votar na petista, enquanto a outra metade dos votos deste eleitorado ficou dividida entre Serra, Marina ou, ainda, outros candidatos e opções de

voto. No segundo turno, essa expressão se acentua, chegando a quase 60% dos votos de baixa escolaridade. Entre os eleitores de alta renda este percentual aparece mais reduzido, com 36,9% dos votos desse setor no primeiro turno, mas alcança quase 50% no segundo, sem a presença de Marina, como apresentado na Tabela 6.

**Tabela 6: Distribuição Simplificada por Escolaridade/Dilma/2º turno**

ESCOLARIDADE	DILMA		2º TURNO	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da escolaridade	% do voto na frequência da escolaridade
<b>Analfabeto/nunca frequentou a escola</b>	43	4%	72	<b>59,7%</b>
<b>Baixa</b>	346	32,6%	586	<b>59%</b>
<b>Média</b>	308	29%	605	<b>51%</b>
<b>Alta</b>	365	34,4%	737	<b>49,5%</b>
<b>Total</b>	<b>1062</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

A influência de Dilma entre os eleitores em situação socioeconômica mais fragilizada parece ser mais visível quando olhamos a variável renda familiar. Escolheu-se, primeiramente, observar esta variável ao invés da renda individual dos eleitores por compreender que a situação de vida dos indivíduos é muito atrelada a sua realidade familiar. Além disso, programas assistencialistas do governo são fortemente ligados ao núcleo familiar, e não ao indivíduo, como é o caso do Bolsa Família.

Após esta consideração, verifica-se que os percentuais de votos em Dilma são mais acentuados entre os eleitores de baixa renda familiar, enquanto estas mesmas porcentagens se reduzem com o crescimento da renda média familiar. Esta configuração condiz com a hipótese inicial ao se verificar que, em ambos os turnos, cerca de metade da votação de Dilma é proveniente do público de baixa renda e se eleva a 90% quando se soma os eleitores de média renda. Os que se configuram em alta renda familiar não ultrapassam 4% dos votos de Dilma, tanto no primeiro quanto no segundo turno, conforme apresentado nas Tabelas 7 e 8.



**Tabela 7: Distribuição Simplificada por Renda Familiar/Dilma/1º turno**

<b>RENDA FAMILIAR</b>	<b>DILMA</b>		<b>1º TURNO</b>	
		<b>ROUSSEFF</b>		
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da renda	% do voto na frequência da renda
<b>Baixa renda</b>	443	49,2%	868	<b>51%</b>
<b>Média renda</b>	403	44,8%	993	<b>40,6%</b>
<b>Alta renda</b>	34	3,8%	94	<b>36,2%</b>
<b>NR</b>	20	2,2%	45	<b>44,4%</b>
<b>Total</b>	<b>900</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

**Tabela 8: Distribuição Simplificada por Renda Familiar/Dilma/2º turno**

<b>RENDA FAMILIAR</b>	<b>DILMA</b>		<b>2º TURNO</b>	
		<b>ROUSSEFF</b>		
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da renda	% do voto na frequência da renda
<b>Baixa renda</b>	494	46,5%	868	<b>56,9%</b>
<b>Média renda</b>	501	47,2%	993	<b>50,5%</b>
<b>Alta renda</b>	43	4%	94	<b>45,7%</b>
<b>NR</b>	24	2,3%	45	<b>53,3%</b>
<b>Total</b>	<b>1062</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

#### **2.4. – O PERFIL ELEITORAL DE JOSÉ SERRA: ESCOLARIDADE E RENDA FAMILIAR, 1º E 2º TURNOS**

A hipótese inicial previa que o perfil eleitoral de José Serra, segundo candidato mais votado, destoaria consideravelmente do encontrado em Dilma, tanto em escolaridade quanto em renda, imaginando-se o tucano como atrativo aos eleitores com escolaridade e renda ao menos médias e, provavelmente, altas. O discurso do candidato e do seu partido não se mostravam fortemente voltados para questões sociais e programas de assistência como o que se percebeu em Dilma e no Partidos dos

Trabalhadores (PT). No entanto, o que se verificou nas variáveis não comprovou a dita hipótese.

No que tange à escolaridade, a votação de Serra foi equilibrada entre eleitores de baixa, média e alta escolaridade (28,8%, 35,7% e 32,9%, respectivamente). É interessante notar que a maior expressão do presidenciável foi entre os eleitores de média escolaridade, os quais destinaram 31,6% dos seus votos ao peessedebista. De qualquer forma, os valores encontrados em Serra não demonstram expressão para algum dos lados mais do que para outro, permanecendo equilibrado tanto no perfil de escolaridade quanto em renda familiar média, em ambos os turnos, como se verifica nas Tabelas 9 e 10.

**Tabela 9: Distribuição Simplificada por Escolaridade/José Serra/1º turno**

ESCOLARIDADE	JOSÉ SERRA		1º TURNO	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da escolaridade	% do voto na frequência da escolaridade
<b>Analfabeto/nunca frequentou a escola</b>	14	2,6%	72	<b>19,4%</b>
<b>Baixa</b>	154	28,8%	586	<b>26,3%</b>
<b>Média</b>	191	35,7%	605	<b>31,6%</b>
<b>Alta</b>	176	32,9%	737	<b>23,9%</b>
<b>Total</b>	<b>535</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

**Tabela 10: Distribuição Simplificada por Escolaridade/José Serra/2º turno**

ESCOLARIDADE	JOSÉ SERRA		2º TURNO	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da escolaridade	% do voto na frequência da escolaridade
<b>Analfabeto/nunca frequentou a escola</b>	15	2,2%	72	<b>20,8%</b>
<b>Baixa</b>	174	25,7%	586	<b>29,7%</b>
<b>Média</b>	227	33,5%	605	<b>37,5%</b>
<b>Alta</b>	261	38,6%	737	<b>35,4%</b>
<b>Total</b>	<b>677</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

Observando-se isoladamente a renda familiar dos seus eleitores, Serra possui maior expressividade de membros em categorias de baixa e média renda, assim como se verificou em Dilma, como se observa nas Tabelas 11 e 12. O *survey* revelou, por assim dizer, uma forte similaridade entre os perfis socioeconômicos dos votantes nos primeiros candidatos, não sendo, assim, suficientes às variáveis tratadas destoar significativamente Dilma Rousseff e José Serra.

**Tabela 11: Distribuição Simplificada por Renda Familiar/José Serra/1º turno**

RENDA FAMILIAR	JOSÉ SERRA		1º TURNO	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da renda	% do voto na frequência da renda
Baixa renda	239	44,7%	868	27,5%
Média renda	259	48,4%	993	26%
Alta renda	26	4,9%	94	27,7%
NR	11	2%	45	24,4%
<b>Total</b>	<b>535</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

**Tabela 12: Distribuição Simplificada por Renda Familiar/José Serra/2º turno**

RENDA FAMILIAR	JOSÉ SERRA		2º TURNO	
	Frequência do voto	Porcentagem no voto	Frequência da renda	% do voto na frequência da renda
Baixa renda	274	40,5%	868	31,6%
Média renda	346	51,1%	993	34,8%
Alta renda	42	6,2%	94	43,6%
NR	16	2,4%	45	34,6%
<b>Total</b>	<b>677</b>	<b>100%</b>	<b>2000</b>	

### **CAPÍTULO 3: OS VOTOS DE MARINA SILVA NO SEGUNDO TURNO PRESIDENCIAL 2010: A MIGRAÇÃO DOS VOTOS E SUA DIVERGÊNCIA**

A última hipótese apresentada nesta pesquisa tinha como intenção compreender a migração dos votos de Marina Silva no segundo turno, quando esta deixou a competição eleitoral de 2010. A revisão bibliográfica trouxe como candidato próximo a esta, no que tange ao perfil religioso, o terceiro colocado de 2002, Anthony Garotinho. Naquela ocasião, Garotinho apontou apoio explícito a um dos candidatos que continuaram na disputa - a saber, Luiz Inácio Lula da Silva -, o que pode ser apontado como forte fator para que os votos do presidenciável evangélico tenham migrado e convergido para Lula.

Em 2010, apesar de se saber publicamente que Marina Silva era da mesma religião de Garotinho, a candidata não apontou preferência por nenhum dos dois candidatos, nem a Dilma Rousseff nem a José Serra.

Percebe-se, ao analisar Marina Silva, uma postura que poderia atrair seu eleitorado tanto à Dilma quando a Serra. O discurso modificador, ambientalista e ousado de Marina se mostrava como uma possível solução ao dicotômico entrave entre PT e PSDB. Esta postura parecia colocar Marina à esquerda do espectro ideológico, ainda mais como oriunda do Partido dos Trabalhadores. Por outro lado, o ideário evangélico cristão conferiu à candidata uma postura atrativa ao público conservador, sendo Marina contrária a configurações que poderiam ferir seus valores religiosos. A própria postura sobre aborto trazia por Dilma próximo ao período eleitoral – tema polêmico e contrário aos valores tipicamente cristãos -, podem ter feito de Marina um porto-seguro ao eleitor mais conversador, fomentando sua votação expressiva em primeiro turno. De qualquer forma, Marina se mostrou como possibilidade de mudança a uma parcela expressiva da população. Com esta configuração de importância, formou-se a questão: para onde foram os votos da candidata em segundo turno? Esperava-se que sua maioria eleitoral migrasse para Dilma, por motivos que necessitariam ser testados mais profundamente, mas que perpassariam variáveis para muito além de religião, escolaridade e renda familiar.

De qualquer forma, o que será explicitado a seguir mostra a complexidade em tentar limitar a análise apenas às três variáveis. Adianta-se que não houve, como em 2002, convergência na migração de votos para um candidato em detrimento de outro,

mas, ao contrário, os votos de Marina se dividiram ao meio, dispersando-se entre os dois candidatos restantes.

### 3.1.- MIGRAÇÃO GERAL DOS VOTOS

No segundo turno de 2010, os votos de Marina se dividiram entre: votar em Dilma, votar em Serra, não votar, votar nulo ou em branco. Estes dois últimos foram agrupados na Tabela 13 em uma única categoria, não por serem compatíveis, mas por não serem o foco dessa análise, assim como a eles foi somado os votos daqueles que não se lembravam em quem votaram ou não quiserem responder a questão proposta no *survey* analisado.

**Tabela 13: Migração dos votos entre os turnos por candidatos**

VOTO 1º TURNO		VOTO 2º TURNO				Total
		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Outras respostas*	Não votou 2º turno	
Dilma (PT)	Contagem	844	32	7	17	900
	Contagem Esperada	477,9	304,7	50,0	67,5	
	% no voto 1º turno	93,8%	3,6%	,8%	1,9%	
	% no voto 2º turno	79,5%	4,7%	6,3%	11,3%	45,0%
José Serra (PSDB)	Contagem	34	482	5	14	535
	Contagem Esperada	284,1	181,1	29,7	40,1	
	% no voto 1º turno	6,4%	90,1%	,9%	2,6%	
	% no voto 2º turno	3,2%	71,2%	4,5%	9,3%	26,8%
Marina Silva (PV)	Contagem	136	129	40	23	328
	Contagem Esperada	174,2	111,0	18,2	24,6	
	% no voto 1º turno	<b>41,5%</b>	<b>39,3%</b>	12,2%	7,0%	
	% no voto 2º turno	12,8%	19,1%	36,0%	15,3%	16,4%
Outras respostas*	Contagem	21	16	56	6	99
	Contagem Esperada	52,6	33,5	5,5	7,4	
	% no voto 1º turno	21,2%	16,2%	56,6%	6,1%	
	% no voto 2º turno	2,0%	2,4%	50,5%	4,0%	5,0%
Não votou 1º turno	Contagem	27	18	3	90	138
	Contagem Esperada	73,3	46,7	7,7	10,4	
	% no voto 1º turno	19,6%	13,0%	2,2%	65,2%	
	% no voto 2º turno	2,5%	2,7%	2,7%	60,0%	6,9%

<b>Total</b>	Contagem	1062	677	111	150	2000
	Contagem Esperada	1062,0	677,0	111,0	150,0	
	% no voto 1º turno	53,1%	33,9%	5,6%	7,5%	100,0%

DADOS: ESEB, 2010, n=2000

\* Outro candidato, votou em branco, votou nulo, não se lembra, não respondeu.

Os votos analisados mostraram que entre aqueles que tiveram na candidata ambientalista sua primeira escolha, no segundo pleito 41,5% optaram por Dilma Rousseff como escolha preferível, enquanto 39,3% votaram em José Serra. Por outro ângulo, dos que votaram em Dilma no segundo momento eleitoral, 12,8% haviam votado em Marina anteriormente e, da mesma forma, entre aqueles que destinaram seu voto a Serra, 19,1% haviam escolhido Marina anteriormente. Os outros 19,2% dos votos de Marina se dividiram entre a opção de não votar (9,3%) ou votar em branco, nulo (12,2%, incluindo-se nesta proporção aqueles que também não se lembravam em quem votaram no segundo turno). Obviamente, os eleitores que haviam preferido desde o primeiro turno votar em Dilma ou Serra marcaram preponderantemente o mesmo voto no segundo pleito.

A distribuição simetricamente dividida entre os dois primeiros candidatos parece mostrar, juntamente com o restante da análise já realizada, que preferências religiosas ou, ainda, configuração socioeconômicas – restritas aqui a escolaridade e renda -, não parecem explicar isoladamente a decisão eleitoral, como veremos a seguir. Entretanto, não se nega que a presença do fator religioso interfira nas decisões e, mais que isso, que sua ausência mude a forma como o eleitor decide o voto, não mais se baseando na preferência por ‘votar em um irmão de fé’, mas em outros fatores que, por serem muitos, não puderam ser aqui todos examinados.

### **3.2. – MIGRAÇÃO DO VOTO EVANGÉLICO**

Como se percebe pela análise das Tabelas 8 e 9, o percentual de votos evangélicos presentes nas votações de Serra e Dilma não sofreram grandes modificações no segundo turno presidencial, permanecendo a característica evangélica em torno de 20% dos eleitores de ambos dos candidatos, com um leve aumento, mais acentuado em José Serra.

Percebeu-se, ainda, o aumento da porcentagem total de evangélicos que escolheram votar em Dilma e Serra, provavelmente decorrente da saída de Marina da competição eleitoral. Do total de evangélicos votantes, de 36% que escolheram votar em Rousseff no primeiro momento, enquanto 46,78% optaram pela candidata no segundo turno. Tal desenho também se configura com Serra, elevando-se a mesma porcentagem

de 25,68% para 37,84%. Este aumento revela, novamente, o local privilegiado que Marina pareceu configurar entre o voto evangélico, deixando o caminho livre para outras escolhas com sua saída, não sendo o fator religioso se mostrar decisivo ou mesmo influenciar o segundo momento eleitoral.

### **3.3. – MIGRAÇÃO POR ESCOLARIDADE/RENDA FAMILIAR**

Por fim, observando-se a migração por escolaridade e renda familiar, percebe-se a manutenção das características de Dilma e Serra entre os turnos. Na variável escolaridade, a candidata petista manteve sua distribuição entre as categorias praticamente intacta, tendo um leve aumento percentual entre os eleitores de alta escolaridade. O perfil de José Serra segue o mesmo padrão, mantendo distribuição quase idêntica ao primeiro turno. Da mesma forma do que se verifica em Dilma Rousseff, observa-se uma singela elevação de percentuais entre os eleitores de alta escolaridade. Enquanto no primeiro pleito apenas 23,9% dos integrantes de alta escolaridade haviam votado no tucano, no segundo momento eleitoral o número sobe para 35,4% e, da mesma forma com Dilma, de 36,9% para 49%, elevando-se, para ambos os candidatos, o número de eleitores de alta escolaridade em mais de 10%.

Na análise por renda familiar média, segue-se o mesmo desenho de manutenção na distribuição de votos nas categorias, como encontrado no primeiro turno (Tabelas 20 e 21), provando-se a maior elevação percentual entre os turnos de integrantes de famílias com renda familiar alta, passando de 36,2% para 45,7%, em Dilma, e de 27,7% para 43,6% em Serra, mas mantendo-se o equilíbrio na distribuição entre os candidatos, não sendo o fator socioeconômico das suas variáveis analisadas suficientes para diferenciá-los.

De qualquer forma, parece correto compreender que a saída da Marina, como candidata atrativa aos eleitores de elevadas escolaridade e renda familiar, provocou a migração dos votos destes para os demais candidatos mais acentuadamente do que o verificado em outras categorias dessas variáveis.

## CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo principal compreender os perfis eleitorais de Dilma Rousseff, José Serra e, principalmente, Marina Silva nas eleições presidenciais de 2010, observando-se, para tanto, três variáveis. Uma delas possui caráter cognitivo, surgindo da escolha pessoal de cada eleitor, à saber, a religião deste. As outras duas, escolaridade e renda, configuram-se como socioeconômicas e não são, assim, fruto das escolhas dos eleitores, mas da configuração na qual eles estão inseridos.

A revisão bibliográfica visou criar base para a observância dos dados provenientes da pesquisa pós eleitoral ESEB 2010, buscando-se por meio dela entender como religião, escolaridade e renda se configuram como fatores que, não separadamente, mas em conjunto, importam como importantes na decisão do voto. A literatura mostrou que a presença de um candidato publicamente evangélico atrai votos dos fiéis da mesma religião, como foi o caso de 2002. Em 2010 ocorreu a mesma situação, mas não com a força do primeiro episódio e, diferentemente do que ocorreu com Garotinho, o não apoio de Marina Silva a nenhum dos dois candidatos que concorreram no 2º turno pareceu acabar por não incentivar a convergência dos votos para um dos candidatos restantes, como foi o caso em 2002, onde os votos migraram consideravelmente para Lula. É importante frisar que não se encontrou nem ao menos 50% dos votos de Marina marcados pelo eleitorado evangélico, não configurando-se verdadeira a primeira hipótese sustentada inicialmente por esta pesquisa.

Os votos de Marina Silva não convergiram para nenhum dos dois primeiros candidatos, sendo difusa a distribuição, mas fortemente equilibrada entre estes, não comprovando a última hipótese da pesquisadora. Esperava-se como hipótese inicial, que os votos migrassem consideravelmente para Dilma Rousseff, assim como era esperado, conseqüentemente, que o perfil eleitoral de Marina fosse mais próximo ao da candidata petista, no que se refere as variáveis socioeconômicas analisadas. Entretanto, percebeu-se pela análise descritiva percentual dos dados que Dilma e Serra foram premiados, mais acentuadamente, por eleitores de baixa e, no máximo, média escolaridade e renda, enquanto que Marina possui perfil eleitoral com preponderância de eleitores com alta escolaridade e renda, cenário que anula a veracidade das hipóteses 2 e 4 (perfis eleitorais esperados de Marina e Serra não se verificam) e comprova uma única hipótese, entre as cinco iniciais, sendo ela o perfil eleitoral de Dilma.



Conclui-se que as variáveis escolhidas para fins de estudo não são suficientes para explicar totalmente o porquê do eleitorado de Marina, para além de questões religiosas e econômicas, ter decidido votar de forma dispersa. Variáveis socioeconômicas, como já aponta a literatura, são limitadas para explicar comportamentos, devendo-se levar em conta questões cognitivas e psicológicas mais profundas, as quais não eram do interesse deste trabalho levantar neste momento.

A análise dos dados nos leva a inferir que as eleições de 2010 se diferenciam substancialmente das eleições de 2002. Por mais que exista a presença de um candidato publicamente evangélico, a figura de Marina Silva se mostrou mais complexa se comparada a figura de Garotinho, atraindo, ao mesmo tempo, um público conservador evangélico, marcado, como a literatura acentua, por baixa escolaridade e renda e, ao contrário do que se pensava, eleitores majoritariamente de altos níveis socioeconômicos.

Finalmente, a partir dessa pesquisa pode-se concluir adicionalmente que os motivos que levam o eleitor a decidir o voto vão além de questões religiosas, principalmente quando estas não se configuram presentes, na ausência de um candidato irmão, ou de variáveis de renda e escolaridade, apesar de estas serem importantes na imensidão de motivadores. Cabe ressaltar a importância das questões sociais no impacto das decisões do voto, mas que estas devem ser cercadas de uma visão mais profunda sobre o comportamento do eleitor. Outros fatores devem ser posteriormente analisados, contando-se com metodologia de análise quantitativa estatisticamente mais aprofundada do que a análise descritiva presente nesta pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

BAQUERO, Marcelo. Eleições e Capital Social: uma análise das eleições presidenciais no Brasil (2002-2006). *Opinião Pública*, Campinas, vol. 13, nº 2, Novembro, 2007, p. 231-259.

BOHN, Simone R. Contexto Político-Eleitoral, Minorias Políticas e Voto em Pleitos Presidenciais (2002-2006). *Opinião Pública*, Campinas, vol. 13, nº 2, Novembro, 2007, p.366-387.

CARREIRÃO, Yan de Souza. A Eleição Presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 22, p.179-194, Junho, 2004.

CARREIRÃO, Yan de Souza. *A Decisão do Voto nas Eleições Presidenciais Brasileiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC; Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2002.

MARTINS Jr., José Paulo. Modelo Sociológico de Decisão de Voto Presidencial no Brasil 1994-2006. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.3, nº 2, p.68-96, jul-dez., 2009.

PEIXOTO, Vitor; RENNÓ, Lúcio. Mobilidade Social Ascendente e Voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, vol.17, nº 2, Novembro, 2011, p.304-332.

HOLZHACKER, Denise Oliveira; BALBACHEVSKY, Elizabeth. Classe, Ideologia e Política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 e 2006. *Opinião Pública*, Campinas, vol.13, nº 2, Novembro, 2007, p.283-306.

LÍCIO, Elaine Cristina, et al. Bolsa Família e o Voto na Eleição Presidencial de 2006: em busca do elo perdido. *Opinião Pública*, Campinas, vol.15, nº 1, Junho, 2009, p.31-54

CASTRO, M.M. Determinantes do comportamento eleitoral: a centralidade da sofisticação política. Tese de Doutorado em Ciência Política, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1994.

CASTRO, M.M. O comportamento eleitoral no Brasil: diagnóstico e interpretações. *Revista Teoria & Sociedade*. UFMG, n. 1, p. 126-168, 1997.

## APÊNDICES

**Apêndice A:** Tabelas referentes a distribuição do voto no primeiro e segundo turnos

**Tabela A1: Distribuição de votos 1º turno**

Voto 1º turno				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Dilma (PT)	900	45,0	45,0	45,0
José Serra (PSDB)	535	26,8	26,8	71,8
Marina Silva (PV)	328	16,4	16,4	88,2
Outras respostas	99	5,0	5,0	93,1
Não votou	138	6,9	6,9	100,0
<b>TOTAL</b>	2000	100,0	100,0	

Dados: ESEB 2010, n=2000

**Tabela A2: Distribuição de votos 2º turno**

Voto 2º turno				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Dilma (PT)	1062	53,1	53,1	53,1
José Serra (PSDB)	677	33,9	33,9	87,0
Anulou o voto	51	2,6	2,6	89,5
Votou em branco	41	2,1	2,1	91,6
NS/Não lembra	3	,2	,2	91,7
NR	16	,8	,8	92,5
Não votou	150	7,5	7,5	100,0
<b>TOTAL</b>	2000	100,0	100,0	

Dados: ESEB 2010, n=2000

**Apêndice B:** Tabelas referentes a distribuição do voto por renda, escolaridade e religião, primeiro e segundo turnos

**Tabela B1: Distribuição por religião**

RELIGIÃO				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Católica	1235	61,8	61,8	61,8
Evangélica pentecostal	299	15,0	15,0	76,8
Não tem religião/Ateu/Não acredita em Deus	193	9,7	9,7	86,5
Evangélica não-pentecostal	137	6,9	6,9	93,4
Outras respostas	136	6,8	6,8	100,0
Total	2000	100,0	100,0	

Dados: ESEB 2010, n=2000

**Tabela B2: Distribuição de votos/escolaridade 1º turno**

DADOS ESEB-2010, n=2000

ESCOLARIDADE (ESC)		VOTO					Total
		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Marina Silva (PV)	Outras respostas	Não votou 1º turno	
Analfabeto/ Nunca frequentou a escola	Contagem	38	14	1	0	19	72
	Contagem Esperada	32,4	19,3	11,8	3,6	5,0	
	% em ESC	52,8%	19,4%	1,4%	0,0%	26,4%	
	% no voto	4,2%	2,6%	,3%	0,0%	13,8%	3,6%
Primário incompleto	Contagem	138	65	13	6	19	241
	Contagem Esperada	108,5	64,5	39,5	11,9	16,6	
	% em ESC	57,3%	27,0%	5,4%	2,5%	7,9%	
	% no voto	15,3%	12,1%	4,0%	6,1%	13,8%	12,1%
Primário completo	Contagem	183	89	37	14	22	345
	Contagem Esperada	155,3	92,3	56,6	17,1	23,8	
	% em ESC	53,0%	25,8%	10,7%	4,1%	6,4%	
	% no voto	20,3%	16,6%	11,3%	14,1%	15,9%	17,3%
Ginásio incompleto	Contagem	119	63	26	9	14	231
	Contagem Esperada	104,0	61,8	37,9	11,4	15,9	
	% em ESC	51,5%	27,3%	11,3%	3,9%	6,1%	

	% no voto	13,2%	11,8%	7,9%	9,1%	10,1%	11,6%
Ginásio completo	Contagem	97	83	40	13	8	241
	Contagem Esperada	108,5	64,5	39,5	11,9	16,6	
	% no voto	40,2%	34,4%	16,6%	5,4%	3,3%	
	% no voto	10,8%	15,5%	12,2%	13,1%	5,8%	12,1%
Colegial incompleto	Contagem	53	45	20	4	11	133
	Contagem Esperada	59,9	35,6	21,8	6,6	9,2	
	% em ESC	39,8%	33,8%	15,0%	3,0%	8,3%	
	% no voto	5,9%	8,4%	6,1%	4,0%	8,0%	6,7%
Colegial completo	Contagem	185	114	112	38	34	483
	Contagem Esperada	217,4	129,2	79,2	23,9	33,3	
	% em ESC	38,3%	23,6%	23,2%	7,9%	7,0%	
	% no voto	20,6%	21,3%	34,1%	38,4%	24,6%	24,2%
Ensino universitário incompleto ou especialização	Contagem	47	30	43	4	5	129
	Contagem Esperada	58,1	34,5	21,2	6,4	8,9	
	% em ESC	36,4%	23,3%	33,3%	3,1%	3,9%	
	% no voto	5,2%	5,6%	13,1%	4,0%	3,6%	6,5%
Ensino universitário completo	Contagem	29	28	30	10	6	103
	Contagem Esperada	46,4	27,6	16,9	5,1	7,1	
	% em ESC	28,2%	27,2%	29,1%	9,7%	5,8%	
	% no voto	3,2%	5,2%	9,1%	10,1%	4,3%	5,2%
Pós graduação ou mais	Contagem	11	4	6	1	0	22
	Contagem Esperada	9,9	5,9	3,6	1,1	1,5	
	% em ESC	50,0%	18,2%	27,3%	4,5%	0,0%	
	% no voto	1,2%	,7%	1,8%	1,0%	0,0%	1,1%
<b>Total</b>	Contagem	900	535	328	99	138	2000
	Contagem Esperada	900,0	535,0	328,0	99,0	138,0	
	% em ESC	45,0%	26,8%	16,4%	5,0%	6,9%	100,0%

#### Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Sig. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	201,524 <sup>a</sup>	36	,000
Razão de verossimilhança	195,654	36	,000
Associação Linear por Linear	4,749	1	,029
N de Casos Válidos	2000		

**Tabela B3: Distribuição de votos/escolaridade 2º turno**

DADOS ESEB-2010, n=2000

ESCOLARIDADE		VOTO				Total
		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Outro *	Não votou	
Analfabeto/ Nunca frequentou a escola	Contagem	43	15	0	14	72
	Contagem Esperada	38,2	24,4	4,0	5,4	
	% em ESC	59,7%	20,8%	0,0%	19,4%	
	% no voto	4,0%	2,2%	0,0%	9,3%	3,6%
Primário incompleto (até 3ª série no ensino fundamental)	Contagem	145	71	5	20	241
	Contagem Esperada	128,0	81,6	13,4	18,1	
	% em ESC	60,2%	29,5%	2,1%	8,3%	
	% no voto	13,7%	10,5%	4,5%	13,3%	12,1%
Primário completo (4ª série no ensino fundamental)	Contagem	201	103	14	27	345
	Contagem Esperada	183,2	116,8	19,1	25,9	
	% em ESC	58,3%	29,9%	4,1%	7,8%	
	% no voto	18,9%	15,2%	12,6%	18,0%	17,3%
Ginásio incompleto (até 7ª série no ensino fundamental)	Contagem	125	75	13	18	231
	Contagem Esperada	122,7	78,2	12,8	17,3	
	% em ESC	54,1%	32,5%	5,6%	7,8%	
	% no voto	11,8%	11,1%	11,7%	12,0%	11,6%
Ginásio completo (8ª série no ensino fundamental)	Contagem	122	99	9	11	241
	Contagem Esperada	128,0	81,6	13,4	18,1	
	% em ESC	50,6%	41,1%	3,7%	4,6%	
	% no voto	11,5%	14,6%	8,1%	7,3%	12,1%
Colegial incompleto (até 2ª série no ensino médio)	Contagem	61	53	5	14	133
	Contagem Esperada	70,6	45,0	7,4	10,0	
	% em ESC	45,9%	39,8%	3,8%	10,5%	
	% no voto	5,7%	7,8%	4,5%	9,3%	6,7%
Colegial completo (3ª série no ensino médio)	Contagem	247	162	40	34	483
	Contagem Esperada	256,5	163,5	26,8	36,2	
	% em ESC	51,1%	33,5%	8,3%	7,0%	
	% no voto	23,3%	23,9%	36,0%	22,7%	24,2%

Ensino universitário incompleto ou especialização	Contagem	62	48	13	6	129
	Contagem Esperada	68,5	43,7	7,2	9,7	
	% em ESC	48,1%	37,2%	10,1%	4,7%	
	% no voto	5,8%	7,1%	11,7%	4,0%	6,5%
Ensino universitário completo	Contagem	41	45	11	6	103
	Contagem Esperada	54,7	34,9	5,7	7,7	
	% em ESC	39,8%	43,7%	10,7%	5,8%	
	% no voto	3,9%	6,6%	9,9%	4,0%	5,2%
Pós graduação ou mais	Contagem	15	6	1	0	22
	Contagem Esperada	11,7	7,4	1,2	1,7	
	% em ESC	68,2%	27,3%	4,5%	0,0%	
	% no voto	1,4%	,9%	,9%	0,0%	1,1%
<b>Total</b>	Contagem	1062	677	111	150	2000
	% em ESC	53,1%	33,9%	5,6%	7,5%	100,0%

\*Votou em branco, nulo, não se lembra ou não respondeu

Testes qui-quadrado			
	Valor	df	Significância Sig. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	78,047 <sup>a</sup>	27	,000
Razão de verossimilhança	79,566	27	,000
Associação Linear por Linear	,172	1	,678
N de Casos Válidos	2000		

**Tabela B4: Distribuição de votos/renda familiar 1º turno**

DADOS ESEB-2010, n=2000

			VOTO					Total
			Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Marina Silva (PV)	Outras respostas	Não votou 1º turno	
Até 1 salário mínimo	Contagem		172	71	20	6	14	283
	Contagem Esperada		127,4	75,7	46,4	14,0	19,5	
	% em renda		60,8%	25,1%	7,1%	2,1%	4,9%	
	% no voto		19,1%	13,3%	6,1%	6,1%	10,1%	14,2%
Até 2 salários mínimos	Contagem		271	168	75	23	48	585
	Contagem Esperada		263,3	156,5	95,9	29,0	40,4	

		% em renda	46,3%	28,7%	12,8%	3,9%	8,2%	
		% no voto	30,1%	31,4%	22,9%	23,2%	34,8%	29,3%
	2 até 5 salários mínimos	Contagem	305	192	139	51	60	747
		Contagem Esperada	336,2	199,8	122,5	37,0	51,5	
		% em renda	40,8%	25,7%	18,6%	6,8%	8,0%	
		% no voto	33,9%	35,9%	42,4%	51,5%	43,5%	37,4%
	5 até 10 salários mínimos	Contagem	98	67	57	13	11	246
		Contagem Esperada	110,7	65,8	40,3	12,2	17,0	
		% em renda	39,8%	27,2%	23,2%	5,3%	4,5%	
		% no voto	10,9%	12,5%	17,4%	13,1%	8,0%	12,3%
<b>RENDA FAMILIAR</b>	10 até 15 salários mínimos	Contagem	18	19	13	3	1	54
		Contagem Esperada	24,3	14,4	8,9	2,7	3,7	
		% em renda	33,3%	35,2%	24,1%	5,6%	1,9%	
		% no voto	2,0%	3,6%	4,0%	3,0%	,7%	2,7%
	15 até 20 salários mínimos	Contagem	11	3	9	2	0	25
		Contagem Esperada	11,3	6,7	4,1	1,2	1,7	
		% em renda	44,0%	12,0%	36,0%	8,0%	0,0%	
		% no voto	1,2%	,6%	2,7%	2,0%	0,0%	1,3%
	Mais de 20 salários mínimos	Contagem	5	4	5	0	1	15
		Contagem Esperada	6,8	4,0	2,5	,7	1,0	
		% em renda	33,3%	26,7%	33,3%	0,0%	6,7%	
		% no voto	,6%	,7%	1,5%	0,0%	,7%	,8%
	NR	Contagem	20	11	10	1	3	45
		Contagem Esperada	20,3	12,0	7,4	2,2	3,1	
		% em renda	44,4%	24,4%	22,2%	2,2%	6,7%	
		% no voto	2,2%	2,1%	3,0%	1,0%	2,2%	2,3%
<b>Total</b>		Contagem	900	535	328	99	138	2000
		% em renda	45,0%	26,8%	16,4%	5,0%	6,9%	100,0%

\*Votou em branco, nulo, não se lembra ou não respondeu

#### Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Sig. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	90,723 <sup>a</sup>	28	,000
Razão de verossimilhança	95,575	28	,000



Associação Linear por Linear N de Casos Válidos	,163 2000	1	,686
---	--------------	---	------

**Tabela B5: Distribuição de votos/renda familiar 2º turno**

DADOS ESEB-2010, n=2000

RENDA FAMILIAR		VOTO				Total
		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Outras respostas*	Não votou	
Até 1 salário mínimo	Contagem	181	81	5	16	283
	Contagem Esperada	150,3	95,8	15,7	21,2	
	% em renda	64,0%	28,6%	1,8%	5,7%	
	% no voto	17,0%	12,0%	4,5%	10,7%	14,2%
Até 2 salários mínimos	Contagem	313	193	28	51	585
	Contagem Esperada	310,6	198,0	32,5	43,9	
	% em renda	53,5%	33,0%	4,8%	8,7%	
	% no voto	29,5%	28,5%	25,2%	34,0%	29,3%
2 até 5 salários mínimos	Contagem	382	256	54	55	747
	Contagem Esperada	396,7	252,9	41,5	56,0	
	% em renda	51,1%	34,3%	7,2%	7,4%	
	% no voto	36,0%	37,8%	48,6%	36,7%	37,4%
5 até 10 salários mínimos	Contagem	119	90	19	18	246
	Contagem Esperada	130,6	83,3	13,7	18,5	
	% em renda	48,4%	36,6%	7,7%	7,3%	
	% no voto	11,2%	13,3%	17,1%	12,0%	12,3%
10 até 15 salários mínimos	Contagem	23	25	2	4	54
	Contagem Esperada	28,7	18,3	3,0	4,1	
	% em renda	42,6%	46,3%	3,7%	7,4%	
	% no voto	2,2%	3,7%	1,8%	2,7%	2,7%
15 até 20 salários mínimos	Contagem	15	8	2	0	25
	Contagem Esperada	13,3	8,5	1,4	1,9	
	% em renda	60,0%	32,0%	8,0%	0,0%	
	% no voto	1,4%	1,2%	1,8%	0,0%	1,3%
Mais de 20 salários mínimos	Contagem	5	8	0	2	15
	Contagem Esperada	8,0	5,1	,8	1,1	
	% em renda	33,3%	53,3%	0,0%	13,3%	
	% no voto	,5%	1,2%	0,0%	1,3%	,8%
NR	Contagem	24	16	1	4	45

	Contagem Esperada	23,9	15,2	2,5	3,4	
	% em renda	53,3%	35,6%	2,2%	8,9%	
	% no voto	2,3%	2,4%	,9%	2,7%	2,3%
<b>Total</b>	Contagem	1062	677	111	150	2000
	Contagem Esperada	1062,0	677,0	111,0	150,0	
	% em renda	53,1%	33,9%	5,6%	7,5%	

\*Votou em branco, nulo, não se lembra ou não respondeu

#### Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Sig. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	38,819 <sup>a</sup>	21	,010
Razão de verossimilhança	43,365	21	,003
Associação Linear por Linear	,748	1	,387
N de Casos Válidos	2000		

**Tabela B6: Distribuição de votos/religião 1º turno**

DADOS ESEB-2010, n=2000

		VOTO					Total
RELIGIÃO		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Marina Silva (PV)	Outras respostas	Não votou 1º turno	
Católica	Contagem	601	349	156	49	80	1235
	Contagem Esperada	555,8	330,4	202,5	61,1	85,2	
	% em religião	48,7%	28,3%	12,6%	4,0%	6,5%	
	% no voto	66,8%	65,2%	47,6%	49,5%	58,0%	61,8%
Evangélica pentecostal	Contagem	109	67	86	13	24	299
	Contagem Esperada	134,6	80,0	49,0	14,8	20,6	
	% em religião	36,5%	22,4%	28,8%	4,3%	8,0%	
	% no voto	12,1%	12,5%	26,2%	13,1%	17,4%	15,0%
Evangélica não-pentecostal	Contagem	48	45	29	8	7	137
	Contagem Esperada	61,7	36,6	22,5	6,8	9,5	
	% em religião	35,0%	32,8%	21,2%	5,8%	5,1%	
	% no voto	5,3%	8,4%	8,8%	8,1%	5,1%	6,9%
Outra	Contagem	57	29	23	16	11	136
	Contagem Esperada	61,2	36,4	22,3	6,7	9,4	
	% em religião	41,9%	21,3%	16,9%	11,8%	8,1%	
	% no voto	6,3%	5,4%	7,0%	16,2%	8,0%	6,8%
Não tem religião/Ateu/Não acredita em Deus	Contagem	85	45	34	13	16	193

	Contagem Esperada	86,9	51,6	31,7	9,6	13,3	
	% em religião	44,0%	23,3%	17,6%	6,7%	8,3%	
	% no voto	9,4%	8,4%	10,4%	13,1%	11,6%	9,7%
<b>Total</b>	Contagem	900	535	328	99	138	2000
	% em religião	45,0%	26,8%	16,4%	5,0%	6,9%	100,0%

Testes qui-quadrado			
	Valor	df	Significância Sig. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	79,122 <sup>a</sup>	16	,000
Razão de verossimilhança	71,801	16	,000
Associação Linear por Linear	,440	1	,507
N de Casos Válidos	2000		

**Tabela B7: Distribuição de votos/religião 2º turno**

DADOS ESEB-2010, n=2000

RELIGIÃO		VOTO				Total
		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Outras respostas	NA	
Católica	Contagem	684	414	54	83	1235
	Contagem Esperada	655,8	418,0	68,5	92,6	
	% em religião	55,4%	33,5%	4,4%	6,7%	
	% no voto	64,4%	61,2%	48,6%	55,3%	61,8%
Evangélica pentecostal	Contagem	137	110	24	28	299
	Contagem Esperada	158,8	101,2	16,6	22,4	
	% em religião	45,8%	36,8%	8,0%	9,4%	
	% no voto	12,9%	16,2%	21,6%	18,7%	15,0%
Evangélica não-pentecostal	Contagem	67	55	5	10	137
	Contagem Esperada	72,7	46,4	7,6	10,3	
	% em religião	48,9%	40,1%	3,6%	7,3%	
	% no voto	6,3%	8,1%	4,5%	6,7%	6,9%
Outras	Contagem	70	39	16	11	136
	Contagem Esperada	72,2	46,0	7,5	10,2	
	% em religião	51,5%	28,7%	11,8%	8,1%	
	% no voto	6,6%	5,8%	14,4%	7,3%	6,8%
Não tem religião/Ateu/Não acredita em Deus	Contagem	104	59	12	18	193
	Contagem Esperada	102,5	65,3	10,7	14,5	
	% em religião	53,9%	30,6%	6,2%	9,3%	

	% no voto	9,8%	8,7%	10,8%	12,0%	9,7%
<b>Total</b>	Contagem	1062	677	111	150	2000
	Contagem Esperada	1062,0	677,0	111,0	150,0	
	% em religião	53,1%	33,9%	5,6%	7,5%	100,0%

<b>Testes qui-quadrado</b>			
	Valor	df	Significância Sig. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	29,054 <sup>a</sup>	12	,004
Razão de verossimilhança	26,667	12	,009
Associação Linear por Linear	,519	1	,471
N de Casos Válidos	2000		